

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 10 Números . 5\$00 = Número avulso \$60

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

POLÍTICA DE COLABORAÇÃO

Talvez em época alguma da nossa longa historia fôssem tão estreitas as nossas relações com a Espanha como na era que atravessamos. Antes de mais nada devemos dizer, a bem da verdade, que se conseguiu aí chegar em virtude da política hábil e firme do Governo do Estado Novo que veio provar categoricamente que a vizinha Espanha não é nossa inimiga e que aos dois Estados peninsulares convém a amizade e a colaboração.

O preconceito contra a Espanha vem de longe, mas tomou novos aspectos desde que alguns espiritos idealistas alheios às realidades da história preconizaram no século passado a famosa União Ibérica. Se o sonho parecia então fagueiro às mentes espanholas, o facto é que nenhum português digno desse nome aceitaria sem protesto a inclusão de Portugal num bloco peninsular, o que equivaleria à perda pura e simples da independência. Mais tarde os manejos da Maçonaria e, em nossos dias, os do comunismo internacionalista vieram agravar tal estado de coisas contribuindo para avolumar o mal entendido a que pôs fim Salazar logo que foi investido das altas funções de Ministro dos Negócios Estrangeiros, que gloriosamente tem desempenhado desde os princípios da guerra civil de Espanha.

Tudo nos aconselha—a nós portugueses e aos nossos vizinhos—uma colaboração estreita, mórmente nesta hora duvidosa que o Mundo atravessa. Efectivamente basta lançar uma vista de olhos sobre o mapa para se ver como a situação geográfica da Península a torna um ponto obrigatório de passagem para o abastecimento da Europa. Daí as cobiças que outrora trouxeram a guerra à Espanha e a Portugal dias bem tristes que hoje recordamos com tristeza e, por vezes, vergonha. Se a par disto fizemos um breve recordatório histórico chegaremos a esta conclusão, comezinha, é certo, mas que nem por isso muitos deixam de conhecer: sempre que Portugal e Espanha colaboraram foram grandes; sempre que se voltaram as costas, ou que deram largas a ideias de ambição e de conquista, a decadência acentuou-se lamentavelmente.

Escrevendo já no final desse admirável poema em prosa que é a *Vida de Nun'Alvares*, o estranho Oliveira Martins disse:

«Nos tempos modernos, ninguém soube a vida melhor do que nós, os povos da Espanha; isto é, ninguém afirmou tão superiormente a energia da vontade humana. Ninguém tampouco melhor soube morrer do que o povo que encarnou em si, paradoxalmente, à teoria da Morte no seio do Eterno: esse pensamento agudo como a lâmina de uma espada que, desdobrando-se e transpassando o mundo, na sua redondeza veio cravar-se-nos no coração para no-lo dessangrar. A Espanha foi vítima dum erro de definição; e se um dia os homens atinarem com a verdadeira teoria da Vida, ninguém tampouco saberá morrer por ela como o povo dentre todos gerado para o heroísmo».

Estas palavras podem dizer-se proféticas. A Espanha (e tomamos aqui a palavra no sentido de unidade geográfica que sempre lhe deram os nossos melhores clássicos e, com eles, Garret) «atinou com a verdadeira teoria da vida», mas foi-lhe necessário primeiro subir o longo calvário da desorganização interna. Houve necessidade assistir ao desfazer do grande edificio para que todos os povos hispânicos compreendessem qual era a lição do passado, e o sange generoso de *falangistas*, de *requetés* e de *viriatos*, misturado anonimamente no solo sagrado da Hispânia, veio prová-lo inofismavelmente!

Para citar ainda uma vez mais esse mago Oliveira Martins (apesar dos seus erros de doutrina), não será difícil provar igualmente que foram proféticas as palavras com que terminou a sua *História da civilização ibérica*:

«A história não é profecia; mas o estudo das idades passadas deixa entrever muitas vezes as probabilidades futuras; e, quando através de tôdas as crises, no meio dos ambientes mais sistematicamente adversos, observámos que o heroísmo peninsular soube vencer tudo com a sua indomável energia, somos levados a crer que o papel de apóstolos das futuras ideias está reservado aos que fôram os apóstolos da antiga ideia católica».

Tôda a politica de colaboração peninsular do Generalissimo e de Salazar é a expressão viva duma realidade que Oliveira Martins com o seu dom especial de previsão adivinhou mas não chegou a ver

No Circulo Cultural do Algarve

«Sobre o humorismo de Eça de Queirós»

Embora já um pouco tarde, mas sem perda de interesse para as pessoas que verdadeiramente amam a cultura, nas suas mais variadas manifestações, damos hoje um resumo da notável conferência que, sob este titulo, se realizou há dias nesta Sociedade cultural.

Foi conferente o Dr. Vergílio Antonio Ferreira, jovem professor do Liceu de Faro, artista e crítico de dotes excepcionais de cultura e sensibilidade.

Dirigindo-se às pessoas que mais ou menos conhecem a obra do grande romancista, o conferente justificou o titulo do seu trabalho, desenvolvendo com fundamentadas bases a distinção entre *ironia* e *humorismo*. Citou as opiniões de Iankélévich (L'ironie) e de Beyson (Le Rire). Considerou o humorismo como uma qualidade bem própria de Eça; embora útil o *humour* nem sempre é justo. Originado na diferença entre o ideal e a realidade o riso faz ver a anormalidade e o defeito onde em geral se vê a virtude.

A realidade, descrita por Eça não foi criticada pelo riso. Essencialmente, a obra do escritor é *séria*. O humorismo de Queirós não serve um tema e o cómico neste escritor anota o ridiculo das figuras que giram em torno do centro do romance.

Considerou o conferente que Eça dividiu as suas personagens em *novos* e *velhos* (pela cultura, educação ou idade) conforme a simpatia ou antipatia que lhe merecem os novos—representando o autor—têm a função de críticos.

Embora faça a Eça algumas restrições como romancista, não se poderá fazer-lhe nenhuma como artista.

O processo técnico de Queirós impõe-se pela perfeição extraordinária que alcançou. Indicou o orador alguns processos humorísticos de Eça notáveis pela intelectualização.

Mas nunca Queirós usou dos métodos fáceis que movem o riso, evitando o artificialismo e o cómico grosseiro.

A arte queirosiana não pode reduzir-se a normas porque é por demais complexa.

E, pela sua variedade, os processos humorísticos escapam a uma análise pouco atenta.

Mas, por tudo, concluiu o orador, «Eça foi o maior artista da lingua portuguesa».

Estão marcadas para breve, no mesmo circulo, conferências do professor alemão Dr. Otto Diehl que falará de «Alberto Dürer, vida e obra» e do dramaturgo e colonialista sr. Carlos Selvagem, que tratará do tema: «O Brasil e a África portuguesa, expoentes da nacionalidade».

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmácia MONTE-PIO.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

O ALGARVE VISTO POR ALGUNS ALGARVIOS

O Sr. Dr. Fernandes Lopes, de Olhão, uma das expressões mais brilhantes da intelectualidade algarvia, dirigiu-nos uma carta a propósito de um lapso sucedido com o seu nome na entrevista concedida pelo escritor Julião Quintinha. Trata-se de um erro tipográfico e não do entrevistado. Apesar disso, publicamos a sua carta na integra a seguir á entrevista de Bernardo Marques, o entrevistado de hoje.

Entrevista com Bernardo Marques, pintor bem conhecido tanto nos meios artísticos nacionais como estrangeiros

Tendo versado a nossa última entrevista sobre alguns literatos algarvios e suas obras, vimos hoje, pela palavra do pintor Bernardo Marques, apresentar o Algarve sob o seu ponto de vista pictorial.

Abordamos Bernardo Marques à mesa da «Brasileira do Chiado», café de poetas, escritores e de conhecidos homens de saber.

Amável em extremo, mostrou-se a principio um pouco irresoluto em aceder ao nosso pedido, afirmando não ser ele, de forma alguma, a pessoa indicada para falar sobre tal assunto.

Instado, porém, Bernardo Marques acabou por aceder, pois se ia falar de pintura, arte a que desde há muito se entregou.

—Que se tem feito, em pintura, sobre a sua provincia?

—Muito, talvez até demais, na-quele género que parece ter-se estandardizado: a apresentação exagerada do Algarve com as suas amendoieiras floridas e o seu sol em «gema de ovo».

Ora o Algarve tem mais, muitos mais motivos, a que o pintor se pode dedicar confiadamente. E' inextinguível em paisagens de maior beleza e da mais rica luminosidade.

—Recorda-se de algum nome que mais se tenha entregue a pintura de trechos algarvios?

—Sim, dois nomes me ocorrem agora: Eduardo Viana, que por muito tempo trabalhou em Olhão. E, também, Carlos Porfírio, agora no Algarve, de quem muito em breve se espera uma exposição de trabalhos sobre a minha terra.

—Quais as regiões que prefere no Algarve para passar à tela?

—Tôdas as regiões algarvias são de molde a satisfazer qualquer artista. Contudo, para a beira-mar, de rochas rendilhadas a brilharem ao sol ardente e para as verdejantes e magestosas serras, vai tôda a minha predilecção.

Pedimos agora a Bernardo Marques que nos diga alguma coisa de si próprio.

Uma pausa. O nosso entrevistado sorri, procura esquivar-se, mas como não desistimos de o ouvir, decide-se a falar-nos de como começou e do que tem feito nesta arte de tão alto valor.

Primeiro, contudo, inquirimos: —Qual a sua opinião sobre a chamada «Arte Modernista»?

—Sobre tal assunto prefiro não me pronunciar, nem contra nem a favor, tal é a confusão existente sobre ele. Nos meus trabalhos, procuro simplesmente ser o mais

sincero possível, obedecendo tanto quanto me é dado, à realidade!

—Faça-nos, então, agora, alguns traços biográficos sobre a sua pessoa.

—Começo por dizer-lhes que não tendo cursado escola alguma de desenho ou pintura, senti-me desde muito novo, ainda desde quando andava no liceu em Faro, deveras atraído para a arte de pintor.

Nesse tempo, os meus trabalhos artísticos não passavam de ensaios, feitos juntamente com José Dias Sancho, meu camarada de então e mais tarde escritor, infelizmente já falecido.

Vim depois para Lisboa, onde por vontade de minha familia, me matriculei na Faculdade de Letras.

A pintura, porém, atraia-me. Comecei a frequentar vários «ateliers» de artistas conhecidos. E assim, em 1919 para 1920, fui convidado para uma exposição de artistas portugueses e espanhóis no teatro de S. Carlos, tendo sido depois contratado, com Stuart Carvalhais, para a revista A. B. C.. Troquei, então definitivamente, as letras pela pintura!

Em 1933 fui para Paris, onde aprendi, com uma Bolsa de Estudo, a arte da gravura, da água-forte e da litografia.

Depois, em 1934, entrei numa exposição em Paris, no Teatro L'Oeuvre, tendo sido o primeiro quadro que aí vendi, uma paisagem da costa algarvia. Nessa exposição, entrou também um outro português, Francisco Smith, alentejano.

—Que mais exposições teve depois?

—Quando vim para Portugal, em 1936, colaborei em vários «Salões de Arte Moderna», iniciando pouco depois os meus trabalhos para a «Exposição de Paris», para onde voltei, conservando-me lá até 1938. Regressando à Pátria em 1939, aqui me conservei durante seis meses, até partir para a América, convidado a expôr nas Exposições de New-York e S. Francisco da Califórnia.

Com a eclosão da guerra actual regresssei a Lisboa, tendo em 1940 trabalhado para vários pavilhões da «Exposição do Mundo Português». Expuz pela ultima vez, em 1942, na «Exposição dos Ilustradores».

Pedido final:

—Que tem a dizer-nos para o Algarve?

—Para o Algarve?... Somentemente desejo que ele progrida o mais rapidamente possível e saia do seu marasmo e que até mesmo, se para tal fôr necessário, seja tão excessivamente bairstista como as provincias nortenhas, pois valerá a pena sê-lo!

Despedimo-nos de Bernardo Marques, deixando-o imerso no rumor confuso do café, onde todos os assuntos se abordam, de tudo se fala, tudo se comenta e critica.

Pinto de Mesquita
Luís Bonifácio

Olhão, 10 de Março de 1943
Sr. Dr. Jaime Bento da Silva
—Tavira

Prezado Colega,
Chamam a minha atenção pa-

PELA CIDADE

Imagem do Santo Condestável—No passado domingo, pelas 11,30 horas, realizou-se na Igreja de S.^{ta} Maria do Castelo a cerimonia da Benção da Imagem do Beato Nuno de Santa Maria, que fora adquirida por subscrição publica. Presidiu á cerimonia o Rev. Priór Antonio do Nascimento Patricio, o qual fez uma brilhante oração sobre o significado do acto que se estava realizando e o do Condestável conjugando em si como nenhum outro, o amor de Deus e o amor da Pátria.

A cerimonia assistiram as autoridades, crianças das escolas e muito povo.

A convite do sr. Priór Patricio, procedeu ao descerramento da Imagem que se encontrava na Capela-mór coberta pela Bandeira da Mocidade Portuguesa, o Sr. Dr. Ramos Passos, Presidente da Câmara Municipal.

Perante a Imagem que representa Nuno Alvares na batalha de Valverde, desfilou depois toda a assistência.

Festa a S. José—Realizou-se ontem a tradicional festa a S. José, na Igreja do Hospital do Espirito Santo, da Santa Casa da Misericórdia, sendo a Missa resada pelas 11 horas. A Comissão de Senhoras Protectoras do Hospital reuniu, tendo angariado donativos entre as Senhoras que a compõem para que nesse dia os doentes e empregados, tivessem refeições melhoradas e o bragal do Hospital fôsse aumentado com mais algumas peças de roupa.

Procissão de Cinzas—Com a pompa habitual, sairá hoje, pelas 17 horas e meia, da Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, a tradicional procissão de Cinzas que será acompanhada em todo o seu percurso pela excelente Banda de Tavira.

E' de esperar grande afluência de forasteiros pois a procissão de Cinzas é uma das mais lindas procissões da nossa provincia.

ra a entrevista com Julião Quintinha, publicada no seu conceituado semanário, em 28 do ultimo fevereiro.

Permita-me que venha rectificar dois pontos dela—meros lapsos, decerto, do distinto escritor ou dos dois entrevistadores.

Se o «dr. Fernando Lopes» a quem a amizade de Julião Quintinha se quis referir é a minha insignificante pessoa, devo esclarecer que não sou «Fernando» mas «Fernandes», sendo o meu prenome «Francisco». (Há de facto em Portugal um «Fernando Lopes» que também é crítico e musicógrafo—e por sinal notabilissimo—mas não é algarvio: é o Fernando Lopes Graça que todos os leitores da «Seara Nova» apreciam. Somos amigos e, humoristicamente, eu até o designo por «o meu singular homónimo»).

O outro ponto diz respeito á confusão do dr. Pedro Judice, arquéologo mor de Silves, com o (julgo que seu parente) Visconde de Lagoa (João António de Mascarenhas Judice) autor do «monumental estudo sobre Fernão de Magalhães» e autor dum trabalho mais monumental, por certo: Grandes e Humildes na Epopeia Portuguesa do Oriente (seculos XV, XVI e XVII), enciclopédia biográfica formidável, de que estão publicados os primeiros 6 fascículos, mas que abrangerá, segundo o prospecto, cerca de 40.000 nomes dos obreiros da expansão portuguesa no Mundo—obra «quasi gigantesca», no dizer duma illustre autoridade estrangeira.

E... sem mais e com muitas desculpas por esta intromissão, peço me creia, com muita consideração e estima,

Colega, etc.

F. Fernandes Lopes

A recente viagem do Sr. Ministro das Colónias

A recente viagem do Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, illustre Ministro das Colónias, á Africa Portuguesa, onde esteve alguns meses como enviado plenipotenciário do Governo português, representa a inteira verdade de uma politica imperial assente em realidades, e não apenas em palavras.

Tratando os negócios coloniais, o Sr. Ministro das Colónias interessou-se pelo estudo directo dos problemas, e teve o prazer de observar *in loco* os elementos de estudo para o seu bem empregado trabalho.

O contacto entre o poder e os povos, é governar de perto, e não a distância. O Sr. Ministro das Colónias, tendo estado alguns meses na Africa Portuguesa, estudou e resolveu importantes assuntos, e sentiu a cooperação dos povos e a sua espontânea boa vontade.

Pelo que respeita ao plano interno da administração colonial, a estada do Sr. Ministro das Colónias, em Angola e Moçambique, muito contribuiu para a unidade administrativa e ordem económica daquelas colónias.

Mais ainda. O Sr. Dr. Vieira Machado, pela sua alta intelligência de estadista, aproveitou a oportunidade para visitar os países limítrofes da Africa Portuguesa e teve a honra de ser muito bem recebido no Congo Belga, na União Sul Africana, e nas Rodésias do Sul e do Norte, o que prova o alto prestígio de Portugal e a excelência das nossas relações com os prósperos países e colónias nossos vizinhos.

A viagem do Sr. Ministro das Colónias foi também por isso de bons resultados no plano externo, porque muito contribuiu para o estreitamento de relações de boa vizinhança e fortalecimento do prestígio nacional, como muito bem disse o Agente Geral das Colónias, Sr. Julio Caiola, na sua interessante palestra, que proferiu ultimamente na Emissora Nacional incluída no programa «O Imperio Português».

Está, pois, exuberantemente demonstrada a grande importância da recente viagem ás Colónias africanas do Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, Ministro das Colónias, pelo que respeita a negócios coloniais no plano interno e no plano externo e assim se compreende o regresso do Governo da Nação ao receber os cumprimentos do illustre estadista, no momento de reassumir a gerência da sua pasta.

PELA IMPRENSA

«Aleo»—Completo o seu primeiro aniversário esta bela revista, Boletim das Edições Gama onde não só é feita a publicidade dos livros lançados por aquela Editorial, como também a propaganda dos ideais tradicionalistas portugueses. «Aleo» conquistou neste primeiro ano um lugar de especial destaque, o que não é para admirar dada a categoria das pessoas que dirigem as Edições Gama e dos livros editados pelas suas diversas secções: Politica, Literatura, Economia, etc.

A «Aleo», cuja apresentação gráfica e literária melhorou muito com a orientação seguida agora no segundo ano, apresentamos as nossas calorosas felicitações, desejando uma longa e feliz viagem.

Cabo de Aço

Usado, próprio para noras ou cimento armado, vendem-se 900 metros.

Tambem se vendem 80 cascos, com 2 furos, próprios para vedações.

Recebe propostas: Marcelino Augusto Galhardo—Tavira.

Subsidios para uma Bibliografia do Algarve

Abecassis, Duarte—«Estado geral, economico e tecnico dos portos do Algarve» (ed. Junta Autonoma do porto de Vila Real de Sto. Antonio, 1926).

—«Memoria definindo as condições da barra e porto de Vila Real de Sto. Antonio e estuario do Guadiana. O plano geral das obras. O estado dos trabalhos» (ed. idem, 1930).

—«Portos do Algarve», conferencia dita na Associação dos Engenheiros Civis de Lisboa (separata da revista «A nossa Terra», 1931).

—«Alguns numeros e factos sobre o porto de Vila Real de Sto. Antonio e as obras para a sua adaptação comercial» (ed. Junta, 1932).

Academia de Ciencias de Lisboa—«Memorias de Literatura portuguesa». Tomo I.º (contem «Memoria sobre uma cronica inedita da conquista de Tavira» por Joaquim de S. Agostinho) 2.º id. 1878.

Anónimo—«Biografia do Remechido, o celebre guerrilheiro do Algarve» ed. 1892, 2.ª edição.

—«Memoria dos desastrosos acontecimentos de Albufeira por occasião da invasão dos guerrilheiros em julho de 1833» ed. 1894.

N. B.—Incluimo-los no mesmo capitulo unicamente por desconhecemos a identidade de quem os escreveu e terem ambos o Remechido como protagonista. Mas, apesar de terem sido editados na Tipografia Burocratica, de Tavira, do primeiro, foi, pelo menos, a 2.ª edição—ficou-nos da sua leitura a convicção de que nada de comum houve entre os autores dos dois folhetos.

Sobre o 2.º folheto, deduz-se da correspondencia do proprietario da Tipografia Burocratica que o seu autor era um individuo de Albufeira, parente do escrivão notario desta cidade, João Estevão de Sousa Reis, que foi o intermediario para a edição. Não existe a correspondencia do ano em que foi feita a 2.ª edição do 1.º folheto, nem se encontrou qualquer referencia á 1.ª edição ou ao seu autor.

Aragão, Augusto Carlos Teixeira d'—«Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo da cidade de Tavira em Maio de 1868», ed. Imprensa Nacional, 1868:

(Continua)

Pela Provincia

Conceição de Tavira

Foi colocado na Junta Nacional dos Resinosos em Leiria, o regente agricultor sr. Augusto da Silva Lima, filho do nosso prezado assinante sr. José António de Lima.

Os nossos parabens.—E.

Produzir e poupar é contribuir para a solução do problema dos abastecimentos.

Criar coelhos é garantir o fornecimento doméstico de carne e assegurar uma fonte de receita—carne e peles.

Os residuos da horta e da cozinha podem ser aproveitados na alimentação dos coelhos a par de ervas, fenos, mato verde, tubérculos e raízes.

É indispensável manter na coelheira uma boa hygiene e não fornecer alimentos com cheiros desagradáveis, nem forragens úmidas.

A água é necessária ao coelho e por isso se lhe deve facultar água limpa e frequentemente renovada.

Na cidade ou no campo é possível instalar economicamente uma coelheira em boas condições higienicas.

O inimigo é arteiro e não dorme

Não se cansa o inimigo do Estado Novo em aconselhar aos seus correligionários, entre nós, que saibam aproveitar-se das dificuldades económicas do presente, e dos descontentamentos e queixas que geram, para, ao mesmo tempo que fingem compadecer-se de nós, inocularem, «também em nós», o veneno da sua propaganda, só tecida de aleives contra o Governo. O fim principal desta tática é—minando, primeiro, a confiança que devemos depositar nas providências governativas (o que só é possível em almas sem fé nacionalista, ou por demais insofridas, como se não vivessemos sob a influencia inevitável da guerra), convencer-nos, em seguida, de que o mal já não vem só do Governo, senão também do Estado Novo, da organização corporativa, da Revolução Nacional, da nossa doutrina nacionalista e cristã. E é assim que, atrás das nossas queixas impensadas, da comiserção fingida com que o inimigo as abraça, e da mentira com que êle acusa, e nos leva a acusar, o nosso Governo—é assim que vai tentando enredar-nos na propaganda da sua ideologia, para prender inconscientemente do seu lado, contra a nossa ordem, a nossa paz e o nosso mesmo bem-estar, os que os creem.

Cautela, pois, com a infantilidade das nossas queixas, que o inimigo é arteiro, e não dorme.

RÉPLICAS

Quando se invoca, para dele se usar, o direito de réplica na imprensa, a lei, em certos casos, reconhece, é condição primordial estudar-se essa lei. Depois, lembrarmo-nos de que ha diferença e enorme, entre ter espirito, ser humorista e procurar ofender. Em tudo ha limites, mesmo no valor que publicamente nos reconhecemos. E' outro ponto e essencial. E não fás mal antes de responder ao que supomos ser, bem ou mal, uma injustiça, perguntarmos a nós proprios, se um conselho de amigo, dado sem intenção de melindrar, não será um bom antidoto contra certos fumos que a luz da ribalta por vèzes provoca, especialmente, naqueles em que á juventude se alia a novidade do clima, mesmo que sintam e na realidade tenham jeiteira para taes andanças.

1.º Congresso Nacional das Ciências Agrárias

Continuam activamente os trabalhos preparatorios do 1.º Congresso Nacional de Ciências Agrárias a realizar, conforme foi já noticiado, no segundo semestre do corrente ano.

Inúmeras têm sido as inscrições recebidas na Secretaria do Congresso, na Estação Agronómica Nacional (em Sacavem), revelando nitidamente o interesse despertado, nos meios agrários por tão oportuna realização. Médicos—veterinários, engenheiros—agronomos, engenheiros—silvicultores, cientistas, estudantes das escolas superiores de agronomia e veterinária, regentes agrícolas, lavradores e estudiosos dos assuntos relacionados com os problemas da terra acorreram generosamente a oferecer o seu concurso para obra de tão destacado interesse nacional.

Vê o Governo com a maior simpatia a realização do 1.º Congresso Nacional de Ciências Agrárias, a que confere todo o apoio e atenção, através do Ministerio da Economia.

E', agora, dever de todos os que bem pretendem servir a Pátria, no vasto campo das ciencias agrárias, oferecer o seu esforço, modesto ou valioso, para que deste Congresso resulte um máximo beneficio para o progresso da actividade fundamental da nossa terra.

As nossas iniciativas Grande Concurso de Poetas Algarvios

Num dos próximos numeros, o nosso jornal inicia um novo Concurso, oferecido aos nossos leitores amadores de boa poesia e com o qual pretendemos atingir um duplo objectivo: divulgar os bons autores algarvios, estimulando no publico o desejo de conhecer a sua obra poética e, simultaneamente, prestar homenagem aos poetas da nossa terra.

Tavira, com os seus Jogos Florais do fim do ano, criou já uma tradição de gosto poético e amor pelas coisas de arte que, pela sua benéfica influencia cultural e social, é necessário não deixar morrer e antes revigorar cada vez mais. O nosso Concurso integra-se nessa tradição, continuando e até completando, de certo modo, os Jogos Florais: continuando, porque preencherá o intervalo entre dois daqueles certames, não deixando que se apague a chama por êles acesa; completando porque, enquanto os Jogos pretendem fundamentalmente estimular o aparecimento de novos poetas, o nosso Concurso quer não deixar esquecer os consagrados, os «clássicos», digamos assim, da poesia algarvia.

A orgânica do Concurso é muito simples e no próximo numero a indicaremos pormenorizadamente, bem como prazos para entrega das decifrações e prémios, declarando, no entanto, desde já, que estes últimos serão constituídos, na maioria, por obras dos melhores autores algarvios.

Entre os poetas escolhidos para esta nossa iniciativa figuram os seguintes, com produções ou excertos de produções extraídas das obras adiante mencionadas: João de Deus (Campo de Flôres), Bernardo de Passos (Grão de Trigo e Refúgio), João Lúcio (Azá do Sonho, Descendo, O Meu Algarve e Espalhando Fantasmas), José Dias Sancho (Canções), Coelho de Carvalho (Elianitos), Lutegarda de Caires (Glicínias), Júlio Dantas (Sonetos e Ceia dos Cardeais), Cândido Guerreiro (Sonetos e Promontório Sacro), Emiliano da Costa (Flogistos), Isidoro Pires (Ecos do Coração), Armando de Miranda (Varanda de Lilazes), António Pereira (Lápis de Cór), Rui Santos (Tu), etc., etc..

Livros Recebidos

«Os Netos do Nicolau»

E' ciência certa que em todos os livros, mesmos nos piores ha sempre qualquer coisa de bom. Os livros são os melhores amigos, os mais leais, os mais uteis, os mais dedicados. Como não sucede na vida, os livros estão sempre prontos a servir e a ensinar. E este é um livro que dá dinheiro a quem o lê.

A «Livraria Classica Editora» está reeditando uma colecção que, mais do que qualquer outra, cumpre este superior objectivo de ensinar, divertindo. Trata-se da «Biblioteca dos meus Filhos» constituída pelos livros famosos de João da Motta Prego.

O autor toma em cada livro um tema e quer seja a avicultura, ou a apicultura, ou a piscicultura, desenvolve o amavelmente, mostra e explica a forma de realizar as culturas de aves ou de abelhas, de peixes ou de bichos de seda e de extrair delas a correspondente recompensa material.

Após a segunda edição de «O Padre Roque» inteiramente dedicada á vida da abelha, fabricação do mel e da cera, acaba de ser lançada a publico a reedição de «Os Netos do Nicolau» que trata das culturas dos bichos de seda, desde a plantação e viveiro de amoreiras até a venda das sementes de sirgo e dos casulos.

Livro utilissimo, como todos os de Motta Prego, «Os Netos de Nicolau» contam, também uma história saborosa e feliz.

Publicações recebidas

«Em prol de uma grande riqueza do Património Nacional»—Com este título recebemos cópia da exposição que foi enviada a Sua Ex.^a o Ministro das Obras Publicas e Comunicações pelo nosso querido amigo Sr. Dr. Alberto Julio Loureiro de Sousa, como Presidente da Comissão Administrativa das Caldas de Monchique.

Da sua leitura ressalta principalmente o grande amor do Sr. Dr. Alberto de Sousa pela entidade que administra. Vê-se que estudou os diversos problemas das Caldas de Monchique com um entusiasmo e uma fé muito grandes. E da leitura da exposição vê-se também a grande e merecida confiança que deposita no poder de realisação do grande Ministro, nosso ilustre conterrâneo, Sr. Engenheiro Duarte Pacheco.

Em nossa opinião, as Caldas de Monchique constituem um problema de interesse algarvio e não apenas local. Todo o Algarve devia apoiar a exposição e os trabalhos da Comissão Administrativa. De resto, estamos convencidos que o Sr. Ministro das Obras Publicas e Comunicações achará a melhor solução para dar ás Caldas de Monchique aquela situação que as qualidades das suas aguas lhe garantem entre as suas congéneres e dentro do problema de turismo.

Ao Sr. Dr. Alberto de Sousa a quem felicitamos sinceramente pela sua actividade, agradecemos o exemplar enviado.

«Salve os seus pinheiros»—Da Direcção Geral dos Serviços Florestaes e Aquícolas recebemos um cartaz com o titulo acima, bem apresentado, no qual faz a propaganda dos principios necessários á salvação dos nossos pinhais da ameaça que para eles representa a invasão do «Bostricos». Esses conselhos são os seguintes:

1.º—Corte tódas as árvores que estão a secar.
2.º—E tódas aquelas que, embora parecendo sãs, têm na casca pequenos buracos, rodeados ou não de resinda e donde sai serradura.

3.º—Em seguida ao corte, descasque tódas as árvores cortadas e queime a casca.

4.º—Para fazer trabalho mais perfeito deve chamuscar os troncos, mas, *cuidado com os fogos*.

5.º—Os cépos devem também ser descascados e a casca queimada.

6.º—As ramas devem ser queimadas quanto antes, podendo ser em fornos ou em qualquer outra applicação útil.

Não basta que um ou outro cumpra estas instruções; têm de ser todos.

Quem o não fizer não sabe zelar pelo que é seu, prejudica o vizinho e a Nação.

Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão

EM OLHÃO

No ultimos 20 minutos o Olhanense arrancou um vitória difficil

OLHANENSE, 4 = UNIDOS DE LISBOA, 3

O Unidos jogou mais

O balanço geral do jogo, findos os 90 minutos, acusou um saldo de dominio a favor dos lisboetas. Estes, porem, não agradaram na sua toada individualista. Os seus esquemas de jogo pouco definidos em conjunto, valorizaram-se somente pelo bom lote de jogadores que o agrupamento reúne. Quanto a concepção de sistema ou delineamento de passes vistosos não é equipa ainda afinada. Na linha da frente o ataque torna-se perigoso mais pelo valor extraordinario de cada unidade que sabe internar-se e chutar sempre prontamente. A maquina da linha avançada, como em quasi todas as equipas que possuem valores individuais a salientarem-se, vivem mais do pessoalismo desses jogadores, que pretendem ganhar encontros através dos seus virtuosismos, em prejuizo do «todo» da equipa, que em conjunto poderia obter muitas vezes outros resultados. Fisicamente o «team» apresenta-se com forte compleição atletica, mas já pouco jovem.

Na defeza e meia defeza, que são os pilares elevados do grupo, é que assenta o valor realmente poderoso deste «team».

A lição do jogo raso andou esquecida até 20 minutos do fim

O Olhanense jogou, francamente mal. O pessimo defeito dos seus jogadores, risidiu em quererem levantar sempre o jogo contra uma equipa que possui defeza fortissima. E o ponto forte duma defeza é quasi sempre no jogo alto. A melhor das defezas só pode succumbir com jogo raso e rapido nas jogadas e desmarcações.

Depois ainda houve pouca mobilidade e reduzida velocidade.

Quando dos 3-2 a favor dos lisboetas os algarvios viram-se e desejaram-se para segurar os impetus do adversario que deu mostras de querer ganhar a todo o custo este encontro. Andaram desnorteados—e a prova-lo está o facto de Grazina e Loulé terem permutado duas vezes de lugar—até que conseguiram responder á velocidade com velocidade e... jogo raso.

E com jogo raso conseguiram bater esta forte equipa, o que doutra forma não o teriam conseguido, estamos muito convencidos.

Foram os 20 minutos finais que arrebataram a assistencia e salvaram um desafio que o Olhanense não contaria perder.

3 «goals» da Cabrita a revelarem um avançado-centro

Quando da marcação do primeiro ponto no inicio do jogo, e pela facilidade com que foi abtido, existiu a convicção de que o Olhanense iria repetir outro resultado e exhibição igual ao da Academia. Foi um «goal» primoroso de Cabrita.

As coisas, porem, correram de modo diferente. Um pontapé collocadissimo de Brito foi a resposta dum «team» que não se desorientou com o falhanço dum seu defeza ter concedido o primeiro ponto do Olhanense.

O segundo ponto do Unidos foi outra esplendida preparação de Brito que quasi sem deixar bater a bola no solo chuta rapido e de longe batendo, pela surpresa do lance, Abraão, que não esperava decerto pelo «shot» e se encontrava mal collocado, apesar de ainda ter esboçado a defeza.

Foi um autentico pontapé á inglesa—ou á Stomp—como nos nossos tempos de praticante lhe chamavamos.

O Olhanense empatou ainda neste primeiro tempo (2-2) após a marcação duma grande penalidade, um pouco forçada, devido á bola ter batido involuntariamente no braço dum jogador adversario, quando Gomes se preparava para centrar. O arbitro que se encontrava perto da jogada, como nós, viu claramente a falta. Não hesitou em assinala-la, mas... deve ter-se precipitado.

Na segunda parte o Unidos desempatou por intermedio do seu avançado-centro. Depois deste ponto os lisboetas dominaram bastante para não perderem o encontro.

Numa recuperação energica do Olhanense quando faltavam 20 minutos para terminar o desafio, os algarvios modificaram por completo as coisas que se estavam passando e sacudindo o dominio do adversario passaram com rapidez e vontade a dominadores. Foram 20 minutos extraordinarios que salvaram o Olhanense duma derrota.

Foram 20 minutos «A! Olhanenses» de velocidade e passes razos, curtos e boas desmarcações. O seu avançado-centro que estava com veia para se mostrar bom marcador, marcou neste tempo dois pontos preciosos para dar a victoria ao seu club.

Os jogadores que se evidenciaram

Do Olhanense, Loulé voltou a ter uma boa tarde, a lateral, na linha media. Muita energia e vontade enorme de acertar, e empurrar jogo para a frente. Salvador continua também a destacar-se como o melhor elemento na preparação de jogo na avançada. Cabrita vai melhorando e impondo-se, alem de estar a chutar muito bem á baliza. Zita foi o melhor na defeza.

Grazina teve luta admiravel contra Carlos Pereira e Tanganho.

Os extremos muito marcados não se puderam mostrar muito empenhedores, emperrando, por esse motivo, muitas avançadas dos algarvios, que só tarde souberam usar o trio central em jogo raso e rapido. O pé direito de Gomes é uma decepção.

Do Unidos, Leonel, Carlos Pereira, Brito e Tanganho, destacaram-se. Rebelo, foi o melhor elemento na preparação do jogo de ataque, pecando, todavia, por demorar demais a bola nos pés com progressões excessivas e chamadas do adversario.

O arbitro, J. Trindade, de Setubal, alem da penalidade apontada, foi muito bem, especialmente nas deslocções em que se mostrou muito atento e sabedor. Deve evitar que o jogo tome muita rudeza, que ás vezes vem a empanar os encontros.

«A» margem do encontro

—O maçagista ou assistente do treinador do Unidos levou toda a 2.ª parte a fazer chamadas especiais aos jogadores do seu club, berrando e gesticulando sobre a má actuação dos «players» indo ao ponto de ter frases pouco atenciosas contra jogadores adversarios, o que, com franqueza, não está certo. Deve reprimir a sua verbosidade quando os jogadores estão actuando, sobretudo em campos estranhos, pois pode trazer-lhes más consequencias este defeito que muitos teem de dar largas á sua expansão. Valeu-lhe o local que era reservado aos jogadores.

—Pudemos ver Julio Cardoso, antigo jogador do F. C. do Porto e grande jogador nos seus tempos aureos, que acompanha os jogadores do ex-CUF como treinador competente que é.

—Carlos Pereira, o nosso médio-cen-

tro internacional, teve no final do jogo, quando se dirigia para o balneário, uma attitude infeliz e pouco desportiva. Ao passar por Loulé, que sendo um jogador duro devido á sua combatividade e energia, mas talvez incapaz duma violencia ou deslealdade, dirigiu-lhe ameaças quando o Olhanense tiver de disputar o jogo com o Unidos, em Lisboa.

Já em Faro, fomos informados, de que o rapazio, naturalmente conhecedor desta attitude, lhe arremessou algumas pedras tendo uma delas atingido o sem consequencias graves. De lamentar estas attitudes pouco desportivas e dignificadoras, de que o celebre internacional se deve sentir o maior culpado.

—A excelente posição do Olhanense neste final da 1.ª volta, pode collocá-lo no proximo domingo, se os calculos de muita gente não falharem, no 4.º lugar da classificação geral, o que é deveras importante e que se registaria pela primeira vez já em 2.ª volta dos nacionais. Para isto basta vencer o Leixões, o que deve ser a parte dos calculos mais acertada, o Unidos de Lisboa perder com o Benfica—o que também deve ser natural—e se a Academia perder no Barreiro com o Unidos B.—o que deve ser o mais difficil de toda a previsão. Contudo se uma destas hipoteses falhar, subirá ainda na classificação para o 5.º lugar.

Em qualquer dos casos o Benfica-Olhanense em Lisboa, no proximo domingo, deve atrair bastante publico para presenciar a subida de forma dos representantes do Algarve, que confiamos saibam portar-se á altura dos méritos que possuem e da honrosa classificação que disfrutam.

NOTÍCIAS

O Sporting em Loulé—Temos conhecimento de que se encontram em bom andamento as negociações para a vinda a Loulé do Sporting Club de Portugal, campeão de Lisboa, no dia seguinte ao do encontro que este clube terá de efectuar em Olhão, contra o clube local.

A ser assim o Louletano disputará o encontro reforçado com alguns jogadores em evidencia na provincia.

Ferreira Torres

Retalhos e Arabescos

Vivendo e aprendendo

Até agora, era tese irrefutavel de que a hygiene servia excelentemente a saude.

Mas, segundo as declarações produzidas por um sábio norte-americano numa sensacional conferencia, essa teoria está fundamentalmente errada, pois quem se lava com frequência compromete a saude.

Oiçamo-lo: «Lavando-nos, e demais com sabão ou sabonete, tiramos da pele a camada de gordura que a natureza nos deu para nos proteger dos germens nocivos do exterior e das infecções que dêle nos resultam».

As observações que tão sensacional afirmação suscitou á imprensa, respondeu com vários exemplos: Matusalem nunca se lavou e viveu 909 anos; Frederico, o grande, nunca experimentou as delicias dum banho e atingiu mais de 90 anos; e o pai de Miguel Angelo, que chegou também a uma propecta idade, recomendava-lhe que nunca lavasse senão a cara e... com muito pouca agua.

Pode ser que o referido sábio tenha razão, que isto da ciência da vida é poço inexgotável.

Mas não faltará quem, como nós pense, que vale mais viver pouco mas asseado do que muito mas... porco.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Elisa Lopes da Costa e srs. coronel João Antonio Correia dos Santos e dr. José Francisco Teixeira de Azevedo.

Em 16—D. Maria Teresa Faleiro Ramos.

Em 17—D. Maria Anta Costa Luz.

Em 18—Srs. Dr. João Carlos Maldonado Antunes Centeno, Joaquim Gil Madeira Teixeira, Julio Cesar Galhardo e Leonildo Lopes Rodrigues.

Em 19—D. Maria José Pires e srs. tenente coronel Eduardo José dos Santos, José Antonio da Trindade Contreiras, Alfredo Pires Faleiro, e Domingos José Soares (pai), e Eduardo Viegas Carapeto.

Em 20—D. Maria Laura Correia Soares e D. Maria do Carmo Araujo Oliveira Santos.

Partidas e chegadas

Regressou de Africa, onde ha anos tem estado a prestar serviço, o nosso particular amigo e conterraneo, sr. tenente Joaquim Maria Galhardo.

—Acompanhado de sua esposa retirou desta cidade por motivo da sua collocação na Alfandega da Capital, o nosso assinante sr. Messias Diniz, que durante alguns anos desempenhou as funções de motorista da Alfandega desta cidade.

—A fim-de passarem o Entrudo com suas familias estiveram nesta cidade os nossos assinantes, srs.: Antonio Gonzalez, distinto mecanógrafo; Casimiro Vito Cardeira, viajante; Bernardino Guerreiro, viajante; dr. João Centeno, advogado em Lagos; dr. Arnaldo Lança, dignissimo Delegado do Ministério Publico em Silves; dr. Augusto de Lemos e Matos; Mario Pires, dignissimo chefe da Secção de Finanças em S. Braz de Alportel; Raul de Sousa, dignissimo tesoureiro da Fazenda Publica em S. Braz de Alportel e Jaques Lampreia Pessoa, engenheiro auxiliar, chefe de serviços da Junta Autonoma dos Portos de Sotaventado do Algarve.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o nosso prezado assinante sr. José Mateus Mendes, dignissimo escrivão de Direito em Portimão.

—Regressou da Capital o nosso prezado assinante sr. Joaquim Rodrigues da Avó, dignissimo chefe da Secção de Finanças desta cidade.

—Regressou de Angola a fim-de frequentar a Escola Central de Officiais, o nosso prezado colaborador e conterraneo, Sr. Tenente Joaquim Maria Galhardo.

NECROLOGIA

Faleceu no Hospital do Espirito Santo, Casa da Misericórdia de Tavira, para onde tinha sido transportada há poucos dias, a sr.ª D. Luiza do Carmo Rosa, Professora de Instrução Primaria jubilada. A falecida foi durante muitos anos professora do Asilo Esperança Freire, desta cidade, donde transitou para o Professorado Oficial. A extinta que lecionou inumeros alunos, viu se acompanhada nos ultimos transe por muitas Senhoras, mas antigas alunas que demonstraram não ter esquecido a sua antiga Professora.

O seu funeral que se realizou ontem constituiu uma bela manifestação de pesar, tendo-se incorporado muitas pessoas de todas as classes sociaes.

Pás á sua alma.

Vende-se

Um «tilbury», um «break», um arreo de parella, um arreo para um animal, tudo em bom estado.

Dois cavalos, com idade conhecida, puchando bem, uma egua criadeira.

Dirigir-se a Antonio M. Trindade—Tavira.

Assine o «Povo Algarvio»

N.º 4

POVO ALGARVIO

14-3-43

Duas velhas tias

Conto por CELESTE BASTOS GUERRA

Evoca o sorriso doce e as falas brandas da tia Suzana. A tia Marta infunde-lhe respeito—num relance, Rosette se apercebeu da diferença de feitios... Os olhos dela, não entanto, são negros e profundos... inspiram simpatia. Sim, Rosette saberá conquistá-la, dentro em pouco.

Sobre a cómoda, dois retratos antigos de «meninas doutros tempos», de gola alta de «guipure» e popas no penteado senhoril... Rosette, ao contemplar as imagens apagadas, julga ver, numa, os olhos negros e profundos, neutra, o sorriso transparente e doce... Depois, mirando-se no espelho, que a observa também da velha cómoda, dá um jeito ás tranças da radiosa cabeleira e fica-se a cismar um poucoquinho, talvez demasiado para a sua idade...

Aspira agora o aroma resinoso dos pinheiros, misturado ao

perfume das rosas da janela do peitoril. Estonteia-a a luz exuberante, o azul, muito azul, do mar e céu; encostada á varanda, vê mergulhar, mais além, o sol rubro-poente, de reflexos de opala...

Debruçando-se da janela para o quintal, sente vontade de afagar a bicharada: os coelinhos, mansos, côr de espuma; um gato nédio e lustroso que, deitado sob o alpendre, a fixa, com a magia de uns olhos glaucos, de cristal...; um peru que passasse, imponente, entre as galinhas, de cá para lá, vaidoso do seu leque, como um grande senhor entre a multidão...

Como este meio é diferente de tudo quanto Rosette estava habituada a conhecer!... Ela está fatigada de tantas sensações! No interior, em desacôrdo com tanta cousa antiga, a recordar, um divan moderno e hospitaleiro, posto ali expressamente para Rosette,

convida a repousar a fatigada viajante. E ela, acedendo graciosamente ao convite acolhedor, adormece, feliz, no suave esmorecer daquela tarde.

As duas velhas tias estão na saleta de costura, sobranceira ao velho mar azul e ao pinhal verde-sombrio. Não trabalham; conversam, com olhares expressivos, que definem melhor o tumultuar complexo de suas almas que revivem.

O relógio bate alegremente as sete horas. Continua a medir o Tempo, nãoaquêle Infinito, incolor, igual e sem relêvo... mas um Tempo de vibração estranha, de ritmo novo para duas vidas—até então vazias de interesse e de generosidade.

Palhavá—Agosto de 1942.

FIM

VALENTIM
ALFAIATE-MERCADOR

Sempre as ultimas novidades
em Lanificios

Largo da Praça-TAVIRA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Acaba de ser pôsto à venda em todo o país mais um belo fascículo, o n.º 95, relativo a Fevereiro de 1943, desta obra magnífica.

Constituído por cerca de 100 páginas em óptimo papel, ornado com muitas gravuras curiosas e um soberbo *hors-texte* a quatro côres, reprodução opulenta dum belo quadro de Ticiano, este fascículo insere artigos tão importantes como *Deuterocanónico, Deve, Dever, Devoção, Devónico, Dez, Dias, Diabetes, Diabo, Diácono, Diagnóstico, Dialecto, Diálogo, Diamante, Diâmetro, Diana, Diário, Dias* (apelido), etc. e são seus colaboradores com artigos inéditos e exclusivos, entre outros, Profs. Ferreira de Mira, Lepierre, Carrington da Costa, Marques Guedes, Luis de Pina, João de Vasconcelos, Mendes Correia, Cunha Gonçalves, etc.; Doutores Claudio Basto, Marques da Silva, Carlos de Passos, Hasse Ferreira, Costa Leão, Joaquim Pratas, Pedro Batalha Reis, António Sérgio, Barros Bernado, Sousa Leite, Dias Amado, etc. e ainda Rocha Martins, Nogueira de Brito, Coronel José Agostinho, Cardoso Júnior, Armando de Lucena, Lopes Graça, Salvador Saboia, etc., etc.

Este número é o penúltimo do soberbo 8.º volume do gigantesco monumento cultural que honra o país e quem o dirige e edita.

Apesar de todas as grandes dificuldades gerais na obtenção de matérias primas e o incomportável preço desta, os deitores desta portentosa obra não só não aumentam o preço dos seus fascículos como conservam, inalterável, o número de páginas e as qualidades de papel de luxo de texto e estampas, o que merece público louvor e gratidão de todos.

Cunha & Dias, L.^{da}
8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

Vende-se

«Victória» com arreios, em estado novo.
Dirigir-se a João da Costa Pereira, Avenida — Olhão.

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábrica de farinhas espodadas

A maior e mais completa do Algarve. Fabrico esmerado como o atestam as suas esplendidas farinhas e as suas sementes sem rival.

Fábrica de farinhas em rama

Uma das maiores do País e com moderna aparelhagem, produzindo as suas tão acreditadas farinhas em rama.

PADARIA

A maior da Província com amassadeiras mecânicas, Escrupulosa fabricação.

Os produtos das fábricas

J. A. Pacheco

teem a garantia duma fabricação cuidadosa em maquinaria moderna e aperfeiçoada.

Aparelhos de T. S. F.

LINDOS MODELOS

OTIMA SONORIDADE

1943

Para corrente alterna contínua e baterias

As ultimas novidades de rádio

VENDAS A PRESTAÇÕES

CONSULTE:

Francisco Padinha Raimundo

Rua do Poço do Bispo, 10 — TAVIRA

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Largo do Pé da Cruz, 4
FARO

Consultas em Tavira às quintas feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

Companhia de Pescarias
Balsense no Algarve

Arrendam-se as vendas dos arraiaes das armações «Abobora» e «Livramento».

As respectivas condições encontram-se patentes no seu escritório.

CASA

De bom rendimento, vende-se na Rua Tenente Couto n.º 8, 10 e 12, composta de 1.º andar, r/c e quintal com poço.

Prestam-se informações—R. Tenente Couto n.º 15—Tavira.

Aceitam-se propostas—Estrada da Ameixoeira n.º 127—Lisboa N.

Batalhão de Caçadores n.º 4

ANUNCIO

O Conselho Administrativo, faz publico que no dia 24 do corrente mês, pelas 14 horas, se procederá á arrematação do fornecimento de forragens de verde para os solípedes do Centro de Instrução de Infantaria de Tavira, nas condições constantes do caderno de encargos que se encontra patente, todos os dias úteis, das 14 ás 17 horas, na Secretaria do mesmo Conselho Administrativo.

Quartel em Faro, 8 de Março de 1943.

O Secretário,

José de Santana Junior

Tenente

Empreza de Espectaculos Tavirense
TEATRO ANTÓNIO PINHEIRO

S. A. R. L.

Convoco os Senhores Acionistas a reunir no proximo dia 16 de Março de 1943 pelas 15 horas em Assembleia Geral Ordinária na sede do Edificio do Teatro, afim de ser discutido e votado o relatório e contas da gerencia do ano de 1942 e Parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo numero suficiente de acionistas para a Assembleia Geral funcionar, fica desde já convocada nova reunião para o dia 31 de Março de 1943, com o mesmo fim, á mesma hora e local.

Tavira, 1 de Março de 1943.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) Francisco Solesio Padinha

Espingardaria "ALGARVE"

TAVIRA

A maior casa importadora de Armas de Caça

Especialidade em Espingardas de Luxo

Sensível diferença de preços em qualquer modelo

José Viegas Mansinho

Dr. Manuel Guerreiro Pereira

MÉDICO - ESPECIALISTA

Órgãos urinários e sexuais
HEMORROIDAS
DIATERMIA

Consultório

Rua de Santo António, 32-1.º
Telefone 57 Residência
Largo de S. Sebastião, 15
FARO

Dr. Jorge Correia

CLINICA GERAL

Rua da Porta Nova
TAVIRA

Consultas todos os dias das 15 ás 17 horas

VENDE-SE

Um CARRO e MUAR.

Tratar com José Gonçalo — Tavira.

Morada de Casas

Na Rua da Porta Nova, com varios compartimentos, duas cavalariças, palheiro, alpendre e quintal, vende: — Francisco Mendes Molina—Tavira.

Vende-se

Um piano marca Ronisch todo armado em ferro.

Nesta Redacção se informa.

Grafonola

Tipo antigo em bom estado, vende-se.

Nesta Redacção se informa.

Charret

Compra-se, em bom uso.

Nesta Redacção se informa.

VENDE-SE

Um aparelho de T. S. F. marca Philips, para corrente alterna, em estado novo.

Nesta Redacção se informa.

Atenção!!!...

Trabalhos Tipográficos

e Carimbos de Borracha com perfeição e rapidez, só na

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Quereis fazer bons negócios?

Anúnciá no semanário regionalista

«Povo Algarvio»

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.